

DEUS É UMA MULHER NEGRA: cinema, escola e extensão na perspectiva de uma Pedagogia da Ancestralidade

Yuri Amorim Santos¹, Nayson Rodrigues Costa; Dora Duarte²

DENISE BUSSOLETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – yascrf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – naayrodrigues15@gmail.com; dorarocha354@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como futuros professores (as) e educadores (as) populares nosso objetivo é participar e contribuir no atual movimento de transformação das relações de ensino-aprendizagem no ambiente escolar (GOMES, 2012, p;99). Buscamos um processo de formação calcado na ancestralidade nos marcos daquilo que se denomina “Pedagogia da Ancestralidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 02). Tal proposta nos auxilia a enfrentar os impasses e desafios de pensar a educação a partir da contribuição afrocêntrica (NASCIMENTO. 2009), Partimos da análise de que existe uma lacuna, ocasionada por falta de uma abordagem mais profunda sobre nossas origens históricas e culturais. Cabe ressaltar que no campo das contribuições africanas em nossa identidade cultural existem temas que são considerados quase como “tabus” e cujo debate é evitado dentro da sala de aula. Estes são geralmente temas relevantes para compreender não somente nossa história passada como também nosso presente. Esta reflexão nos levou ao compromisso e a responsabilidade de construir ações e debates dentro das escolas públicas da cidade de Pelotas, fortalecendo o elo entre a escola e a universidade. O tema desenvolvido para promover o debate nas escolas foi “a condição social da mulher negra no Brasil”, um dos temas mais importantes e de extrema urgência num cenário em que cresce o feminicídio contra as mulheres negras em todo país (IPEA, 2016). Elaboramos, assim, o Projeto “Deus é uma mulher negra” com a proposição de atividades que levem a reflexão e a formação crítica. Até o momento foram desenvolvidas duas ações, uma na Escola Municipal Pelotense durante o período diurno com os alunos do Ensino médio e do magistero e outra na Escola Estadual Félix da Cunha, com a turma do EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno. O EJA é um programa do governo federal que atende as pessoas que já passaram da idade escolar e não tiveram oportunidades de estudar.

Consideramos que dificuldade de incluir nos currículos escolares o ensino da história e da cultura indígena e afro-brasileira gera uma defasagem na compreensão e discussão sobre os temas relacionados a estes, que são relevantes e necessários na compreensão da importância destas culturas no processo de constituição de nossa sociedade e identidade afro-brasileira (GOMES, 2012). E isso mesmo com a promulgação da lei 10.639/2003 que torna

obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Isto nos leva a crer que se faz tão urgente e necessário projetos de extensão que fortaleçam este debate nas escolas no sentido de contribuir de forma decisiva no processo de formação de cidadãos e cidadãs críticos (as) e conscientes.

A proposta do projeto “Deus é uma mulher negra” se relacionam com o Programa de Educação Tutorial Fronteiras da Diversidade: sabers e práticas populares da Universidade Federal de Pelotas.

O conjunto das ações extensionistas , pelo projeto “Deus é uma mulher negra”, são dirigidas as escolas públicas da cidade com o objetivo principal de promover a discussão e a interação entre a arte, o cinema, a universidade e a escola, através da apresentação de um documentário e da articulação do debate através de um conteúdo baseado na contribuição dos estudos afro-decoloniais . Tal perspectiva vem ganhando espaço nas pesquisas desenvolvidas atualmente nas universidades do país, através de autoras como a filósofa Dijamila Ribeiro, a pedagoga Nilma Lino Gomes, a cientista social Claudete Alves.

METODOLOGIA

Enquanto integrantes do PET FRONTEIRAS, prezamos não só pela valorização das práticas populares, mas também e principalmente pela troca entre os saberes das comunidades e os saberes construídos na universidade, e é nessa fronteira que articula os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos populares que o como extensionistas trabalhamos (KOHLS, 2016).

As ações nas escolas buscaram unir três ferramentas pedagógicas diferentes, as dinâmicas corporais, o cinema, e o debate, ações que se misturam e se complementam para proporcionar um aprendizado diversificado e de qualidade no ambiente escolar.

Os encontros com os estudantes foram elaborados por quatro integrantes do PET Fronteiras, utilizando-se de três procedimentos metodológicos.: Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos trabalho inicia-se com uma prática de alongamentos a fim de movimentar e organizar o corpo para “a caminhada dos privilégios”. Uma dinâmica que introduz o assunto a ser discutido e também deixa em evidência a divisão desigual de privilégios em nossa sociedade, utilizando da ludicidade para a melhor compreensão do assunto. Em um segundo momento, os participante assistem ao video, “Deus é uma mulher negra”, que é um trabalho com direção do egresso do curso de cinema da UFPel Vinicius Silva. O filme

aborda questões de racismo e desigualdade social a partir da realidade de uma mulher negra que vive na periferia da cidade de São Paulo. E no terceiro momento, após o filme promovemos um espaço para a discussão, o debate e a apresentação de dados com relação a condição da mulher negra no país.

Estes encontros duraram cerca de duas horas e meia, na Escola Municipal Pelotense onde participaram os alunos do Ensino Médio, e do Curso de Magistério, totalizando cerca de 60 estudantes. Na escola Félix da Cunha, a duração foi também de cerca de duas horas e meia e participaram os alunos do EJA, totalizando em média 30 estudantes.

RESULTADOS

Urge trabalhar nas escolas autores(as) e cientistas negros(as) com foco na situação social das mulheres negras no Brasil, valorizando outras formas de fazer ciência e produzir conhecimento, gerando uma discussão a partir do “lugar de fala” desses povos historicamente excluído dos espaço de construção científica (RIBEIRO, 2017).

Compendemos a importância de ações extensionistas que promovam a interlocução e a aproximação das fronteiras existentes entre os saberes das comunidades, o saber escolar, assim como também o saber dos povos nativos, africanos e afro-brasileiros para construir um debate produtivo dentro das escolas. Nesta perspectiva, nosso trabalho se insere como um pequeno esforço diante do muito que pode e deve ser feito para contribuir no processo de aprendizado resultante das ações extensionistas nas escolas públicas de Pelotas buscando fortalecer a consciência racial e diminuir as desigualdades historicamente construídas em nosso país. Isto, por sua vez, retorna para a universidade e contribuir de forma decisiva no sentido de mobilizar os (as) discentes trabalhando a partir de metodologias e conteúdos participativos e emancipatórios, acreditando no poder transformador da educação para desconstruir hierarquias e mitos de gênero e raciais.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as atividades desenvolvidas nas escolas públicas do município de Pelotas, possibilitaram problematizar concepções normativas a respeito da condição social da mulher Negra brasileira. O Projeto utilizou-se de diferentes metodologias pedagógicas a fim de diversificar o aprendizado e compreender a relevância e a contribuição das mulheres Negras identidade social de nosso país. Além, disso o trabalho vem mostrando resultados no sentido de possibilitar as expressões de diferentes vozes em especial, daquelas que se sentem

marginalizadas por sua condição racial e social, além de construir um espaço dialógico, reflexivo entre os envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, M. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. (org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ALVES, Claudete, A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2013

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. Extraprensa, São Paulo, ano 8, nº 4, p. 41-48, 2014.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? / Djamila Ribeiro. — 1a ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

LERA, Josep María Caparrós. ROSA, Cristina Souza - O cinema na escola: uma metodologia para o ensino de história Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul. / out. 2013

OLIVEIRA, Eduardo D. A Ancestralidade na Encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.

MARCONDES, Mariana Mazzini. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Brasília: Ipea, 2013.

GOMES, Nilma Lino - RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

PACHECO, Cláudia Lemos , Mulher negra: afetividade e solidão (Edufba). 2013

MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 1999. 204 p.

KOHL, Tatiani Müller, BARBOSA, Rafaela Dias , SILVA, Felipe : PET FRONTEIRAS -Saberes e Práticas Populares: uma proposta pautada na diversidade social e cultural. 2016. Conexões Culturais –Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura-V. 02, nº 01, ano2016, p. 48-55